

La Casa Amarilla: um olhar sobre a abordagem pedagógica da escola peruana e sua aproximação com a Educomunicação

Suéller Costa

Introdução

O estudo das teorias de aprendizagem que ajudam a compreender as diferentes propostas pedagógicas e o aprofundamento epistemológico da Educomunicação e da sua experiência em diversas áreas de intervenção têm conduzido a jornada acadêmica desta pesquisadora desde o início da sua atuação na interface da Comunicação e Educação. Aprofundar-se nessas pesquisas - aliando a teoria à prática e promovendo o contato com profissionais do segmento e com os envolvidos no processo de ensino e aprendizado - tem instigado a aventura epistemológica e a imersão em experiências pedagógicas que propiciam uma educação significativa, construtiva, inovadora e ao mesmo tempo desafiadora em unidades educacionais tanto no âmbito nacional quanto internacional. Com base nessa jornada, este

artigo traz uma avaliação de uma vivência realizada na comunidade La Casa Amarilla, uma rede de escolas peruanas que seguem uma proposta pedagógica baseada na abordagem educacional desenvolvida nos centros de infância e pré-escolas de Reggio Emilia, cidade localizada no Norte da Itália.

A experiência foi realizada, em novembro de 2016, durante um intercâmbio intitulado *Viagens Pedagógicas*, promovido pelos grupos de estudos Diálogos (Brasil) e Dinâmica Centro Cultural de la Educacion (Peru), que organiza a imersão em unidades educacionais internacionais consideradas inovadoras em virtude da sua metodologia de trabalho e dos bons índices educativos com os alunos envolvidos.

A escola que propiciou a experiência foi a unidade La Casa Amarilla de Surco, localizada na zona central do Peru. A pesquisadora, em questão, pôde acompanhar, ao longo de um dia, a rotina pedagógica envolvendo educandos, educadores e gestores. O objetivo de tal estudo, realizado por meio de uma observação participativa, era fazer uma avaliação desse processo e analisar as aproximações da referida prática pedagógica com os princípios da Educomunicação.¹

Este artigo traz, portanto, uma breve apresentação da escola, com destaque para a dinâmica pedagógica, a estrutura dos espaços educativos, a organização das atividades realizadas ao longo das aulas, o atendimento às crianças e às famílias e a postura dos educadores durante o trabalho pedagógico. Posteriormente, alguns pontos principais da abordagem educacional de Reggio Emilia, teoria pedagógica que inspira as escolas peruanas conhecidas ao longo da imersão, são destacados. Por fim, a exposição dos aspectos observados na visita que se assimilam a princípios semeados pela Educomunicação.

1 A abordagem se apoia nas anotações das palestras acompanhadas durante a imersão, nas observações e nas imagens registradas nessa viagem, além das leituras, trocas de relatos, experiências e estudos sobre a iniciativa educacional do local.

Uma educação pautada na investigação, no pensamento criativo e no trabalho em equipe

A oportunidade de adquirir e compartilhar conhecimentos, experiências e inspirações conduzem a atuação do educador, que, concentrado na interface da Comunicação e Educação, busca propostas pedagógicas que contribuam para o desenvolvimento pessoal, social, cidadão e intelectual de educandos de diferentes faixas etárias. Isso ocorre na atuação em áreas de intervenção da Educomunicação consolidadas em vários segmentos². Em cada uma delas, esse campo de estudos propõe uma ação significativa – em espaços educativos formal, informal ou não formal - que leve em consideração o aprendizado baseado na dialogicidade, na transversalidade, no inter e multidisciplinar; na realização de projetos contextualizados e que abrangem diversas áreas do conhecimento; na gestão democrática; no trabalho colaborativo e compartilhado; nas experiências, nas problematizações e em ações e reflexões, e em intervenções para a promoção de almeçadas transformações. Segundo Soares (2011), trata-se de um paradigma que coloca os sujeitos do processo de ensino e aprendizagem como protagonistas na aquisição de seus conhecimentos:

A educução fala de relacionamento, liderança, diálogo social e protagonismo juvenil. Posiciona-se, de forma crítica, ante o individualismo, a manipulação e a competição. A cidadania vencendo a ditadura do mercado: é o que ela busca, transformando as oportunidades oferecidas pelas novas tecnologias em instrumentos de solidariedade e crescimento coletivo. (SOARES, 2011, p. 95)

2 Segundo o professor Ismar Soares, a Educomunicação abrange sete áreas de intervenção: educação para a comunicação, expressão comunicativa através das artes, mediação tecnológica na educação, pedagogia da comunicação, gestão da comunicação, produção midiática para a educação e reflexão epistemológica.

Com base nos estudos nesse campo, muitas teorias da aprendizagem da Educação, que visam aprimorar o processo de aprendizado dos indivíduos, semeiam princípios que valem uma análise comparativa, avaliativa e reflexiva com base no que a Educomunicação inspira e idealiza em suas ações no âmbito educacional. Sejam da linha construtivista (Jean Piaget e Jerome Brunner) ou sociointeracionista (Lev Vygotsky) ou até mesmo behaviorista (Burrhus Frederic Skinner). Ou, ainda, as consideradas inovadoras no período da Escola Nova³, como a aprendizagem “baseada em problemas” (John Bransford), a “aprendizagem significativa” (David Ausubel), o “aprendizado experimental” (Carl Rogers). Além da teoria das “Inteligências Múltiplas” (Howard Gardner) e do “sincretismo infantil” (Henri Wallon), dentre tantas outras, que merecem o conhecimento para complementar o estudo e a prática concernentes à Educomunicação.

Os conceitos discutidos pelos estudiosos são importantes para conhecer o processo histórico e cultural da Educação ao longo dos anos, avaliando o que mudou e o que permanece igual e até mesmo as inter-relações entre uma teoria e outra e a sua experiência. Partindo da hipótese de que a teoria alia-se à prática, cada estudioso é considerado importante para a formação do educador e da sua atuação em sala de aula. Uma área complementa a outra e conduz um profissional disposto a fazer a diferença na Educação. Nesse sentido, como diz Malaguzzi (2011), o professor deve ser um constante pesquisador,

3 Um movimento de educadores europeus e norte-americanos, organizado no final do século XIX, que propunha a renovação das práticas pedagógicas com base numa nova compreensão das reais necessidades dos estudantes, colocando-os como centro do processo educativo. Questionava a passividade na qual a criança estava condenada pela escola tradicional. Também conhecida como escolanovismo, a Escola Nova chegou ao Brasil, na década de 1920, com as reformas do ensino de vários estados brasileiros. No entanto, muito antes, por volta de 1882, as ideias dessa nova concepção de ensino já começavam a ser inseridas pelo educador Rui Barbosa.

investigador e avaliador da sua prática educativa e de seus efeitos perante os sujeitos envolvidos. Eis o motivo para que a teoria e a prática estejam sempre em sintonia: "O dever, portanto, da teoria, consiste em ajudar os educadores a compreender, eficazmente, a natureza de seus problemas. Neste sentido, a prática se converte em um interlocutor necessário e decisivo para o êxito da teoria." (MALAGUZZI, 2011, p. 84, tradução nossa).

Da mesma opinião compartilha o educador Paulo Freire, que salienta a necessidade da atualização constante do professor. Para o estudioso, a formação reflete na prática profissional.

O professor que não leve a sério a sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe. Isso não significa, porém, que a opção e a prática democrática do professor ou da professora sejam determinadas por sua competência científica. Há professores e professoras cientificamente preparados, mas autoritários a toda prova. (FREIRE, 2013, p. 89 e 90)

Esse conhecimento, no entanto, apesar de importante, não pode ser isolado; ele deve ser acompanhado de uma postura dialógica, que vise uma educação solidária e afetiva, conforme complementa Paulo Freire:

Afinal, o espaço pedagógico é um texto para ser constantemente 'lido', 'interpretado', 'escrito' e 'reescrito'. Neste sentido, quanto mais solidariedade exista entre o educador e educandos no 'trato' deste espaço, tanto mais possibilidades de aprendizagem democrática se abrem na escola (FREIRE, 2013, p. 95)

Portanto, a aprendizagem constante é positiva para uma atuação efetiva na área educacional. Dessa forma, cada autor voltado tanto à Educação quanto à Comunicação apresenta um quadro teórico e experimental importante para a construção de um novo olhar ao pro-

cesso educativo por meio da Educomunicação. A união entre essas áreas tem possibilitado diferentes experiências consideradas significativas tanto a alunos quanto a educadores: são elas que servem de estudos para que possam ser exemplos de inspiração e modelos para serem apropriados em diferentes espaços educativos.

Ao aliar o conhecimento de ambas as áreas (Comunicação e Educação, e, por conseguinte, a Educomunicação) às diferentes teorias da aprendizagem, este artigo parte desses referenciais para realizar a avaliação de uma experiência adotada em escolas do Peru: um intercâmbio educativo e cultural realizado na rede de escolas La Casa Amarilla e no Colégio Aleph permitiu vivenciar o que há de diferente nessas unidades para que possam se destacar entre as milhares espalhadas pelo mundo.

As redes citadas seguem a abordagem sociointeracionista de Reggio Emilia, uma teoria que se difundiu mundialmente e, atualmente, tem sido referência a escolas focadas na Educação Infantil. Há unidades no exterior e no Brasil que têm acreditado nos conceitos e nas experiências articuladas dentro dessa abordagem e levado às suas escolas a fim de construir um ensino que há muito tempo tem sido o desejo dos educadores comprometidos com a missão de ensinar: não só inovador e contemporâneo, mas interessante, instigante, inspirador, contextualizado e transformador.

É partindo desta experiência internacional que este artigo propõe a apresentação da abordagem, da prática, da contextualização e uma avaliação com base em ideais disseminados pela Educomunicação. Trata-se de um processo de imersão que viabiliza conciliar a teoria (adquirida com os constantes estudos) com a prática (articulada com a observação e o contato com os envolvidos na atividade pedagógica). Uma união que favorece, portanto, a atuação como pesquisador

e educador, que busca o conhecimento de atividades inovadoras e comprometidas com um ensino significativo.

A proposta pedagógica e a fonte de inspiração

A proposta pedagógica da comunidade La Casa Amarilla é baseada na teoria socioconstrutivista de aprendizagem abordada nos centros de infância e pré-escolas de Reggio Emilia, uma cidade que se tornou referência no ensino quando o assunto é a educação na infância. A unidade italiana começou a ser desenvolvida após a Segunda Guerra Mundial, quando o país foi devastado com os bombardeios. Os sobreviventes tinham de buscar alternativas para a sobrevivência e o desenvolvimento do local, pensando, em especial, no futuro das crianças.

Com isso, as mães da época se uniram para construir uma escola para educar os pequenos. Elas idealizaram um local que pudesse seguir uma aprendizagem baseada não apenas em conhecimentos cognitivos, mas no afeto, na solidariedade, no companheirismo e na união entre os povos. Uma escola que semeasse valores uns aos outros e resgatasse os aspectos social, cultural e político da região.

Um dos educadores que apostou na ideia e se prontificou a ajudar foi Loris Malaguzzi⁴. Para o estudioso, o processo pedagógico deveria ter como centro o desenvolvimento intelectual, emocional, social e moral

4 Pedagogo e psicólogo, Malaguzzi nasceu em 1920 e faleceu, repentinamente, em 1994. Por mais de cinquenta anos viveu, trabalhou, investigou e realizou experiências concretas em Reggio Emilia, cidade onde construiu a sua obra, que até hoje é estudada por todo o mundo. É considerado um dos pensadores mais importantes do século XX. Ele se inspirou nas teorias de Dewey, Vygotsky, Piaget, Brunner e Gardner, que ajudaram na construção das escolas inovadoras, entre as décadas de 1950 e 1960, além de múltiplas correntes de pensamento da psicologia social, das teorias da complexidade e das neurociências. Uma de suas publicações de destaque é *As Cem Linguagens da Criança*.

das crianças. Uma concepção positiva e que se tornou referência na região e se expandiu no país e até pelo mundo⁵.

Vale destacar que, segundo dados divulgados pelo Centro de Referência de Educação Integral, a abordagem de Reggio Emilia foi municipalizada e atualmente engloba 40% das escolas da cidade italiana. Existe, inclusive, uma rede chamada Reggio Children⁶, composta por 13 creches e 21 pré-escolas. Esse grupo oferece formações, visitas monitoradas, intercâmbio educacional e cultural a educadores e pesquisadores de todo o mundo interessados em conhecer de perto a proposta e disseminá-la em suas nações.

Estudiosos peruanos são um exemplo deste interesse, e foi por meio de um grupo de educadores dispostos a colocar essa proposta em prática que fundaram, em 2005, no Peru, a La Casa Amarilla. Atualmente, há seis unidades instaladas nos seguintes pontos de Lima: San Isidro, Jesús María, San Miguel, Surco, Miraflores – Angamos e Miraflores – La Paz. Todas são pré-escolas, ou seja, atendem crianças de 3 a 5 anos de idade⁷, com turmas que recebem as seguintes distribuições: Classe de 3 anos; Pré-Kinder (4 anos) e Kinder (5 anos).

A metodologia considera o aprendizado como um processo ativo e acredita que o conhecimento é construído pelas crianças quando elas interagem com o meio à sua volta. Tal proposição possibilita que elas sejam protagonistas do seu processo de aprendizagem, explorando diversas linguagens que propiciem o tocar, o sentir, o

5 Uma publicação da revista americana Newsweek apontou essa experiência educadora como a melhor do mundo em 1991. O sucesso das escolas despertou os olhares de outros países com relação à Educação na infância.

6 Veja mais em: <http://www.reggiochildren.it/network-2/>. Acesso em: 15 jan. 2017.

7 No Brasil, o período da pré-escola, correspondente à Educação Infantil, atende crianças da faixa etária de 4 a 5 anos.

ouvir, o falar, o compartilhar por meio de experiências práticas contextualizadas. A esse trabalho, os gestores o intitulam como “projetos de investigação”.

As atividades instigam, então, as crianças a solucionarem problemas, utilizando o pensamento crítico e criativo. Permitir essa abertura para o aluno conduzir o seu conhecimento só tem a contribuir para a sua formação e atuação tanto individual quanto em grupo. E um dos caminhos para “dar voz” às crianças e propiciar diferentes discursos que só tendem a incrementar o diálogo no espaço educativo, conforme aponta Adilson Citelli:

Transformar alunos em sujeitos do conhecimento implica (de fato) descentrar as vozes, colocando-as numa rota de muitas mãos que respeite as realidades da vida e cultura dos educandos. É preciso (de fato) fazer o aluno assumir a sua voz como instância de valor a ser confrontada a outras vozes, incluindo a do professor. Desse modo, a sala de aula passaria a ser entendida como lugar carregado de história e habitado por muitos atores que circulariam do palco à plateia à medida que estivessem exercitando o discurso. (CITELLI, 2000, p. 98)

O respeito à cultura, por sua vez, é outro aspecto considerável na comunidade La Casa Amarilla. Segundo Helena Tassara, é por meio das diferentes linguagens, semeadas inclusive em experiências culturais, que a criança vai construindo e formando a representação da realidade na qual está inserida e formando o seu olhar diante do que está à sua volta:

Acredito que as crianças são produtoras de cultura como qualquer ser pensante no planeta. Criam uma cultura própria, sua. Têm uma perspectiva particular dos elementos que encontram ao seu redor. Elementos de um mundo que é o mesmo que para crianças e adultos. (TASSARA, 2002, p. 53)

Essa perspectiva criada pelos pequenos tendo como base as representações das suas vivências permite um estágio educativo cada vez mais significativo. Todas essas ações são registradas, analisadas, investigadas pelos educadores da unidade escolar com o propósito de avaliar os pontos positivos e negativos e, com base em problematizações, buscar as devidas soluções para o processo de aprendizado de cada educando.

As turmas possuem, em média, de 15 a 20 alunos, e contam com três professores, sendo uma diplomada com mais experiência; outra com menos tempo de carreira, e a terceira em fase de formação. No Brasil, esta última seria considerada a estagiária, mas nas escolas peruanas não há essa função. Para a coordenação pedagógica, as três têm a mesma responsabilidade com as crianças e a tarefa é de uma ajudar a outra na organização de todas as aulas, no planejamento dos projetos, nas ações especiais, nos eventos tradicionais, nos registros das aulas e na montagem do portfólio de todo o trabalho realizado. Complementam o quadro de educadores o atelierista (arte) e o músico (música).

A escola possui vários espaços, tanto fechados quanto abertos, que são divididos da seguinte forma:

- a) **Sala de aula:** espaço subdividido em estações organizadas por áreas de interesse - como Matemática, Ciências e Línguas - e explorada por grupos pequenos. Quando o trabalho pedagógico começa, a turma é dividida em grupos de cinco a seis pessoas, cada um é direcionado para uma dessas sessões, coordenada por uma educadora, que tem como missão propor alternativas intelectuais desafiantes às crianças.



Figura 1 - Sala de aula da unidade San Miguel

b) Ateliê: local onde o atelierista explora diversas manifestações artísticas e trabalha com o pensamento criativo das crianças. A arte é uma das áreas que mais chamam a atenção da abordagem reggiana. Isso porque a escola conta com um ateliê em que o atelierista realiza atividades que vão além do cognitivo. É um lugar onde se estimula diferentes capacidades, competências, sensibilidades, além do desenvolvimento motor e sensorial e o conhecimento intelectual dos pequenos.



Figura 2 - Ateliê da unidade San Isidro

c) **Cozinha:** lugar explorado tanto pelas cozinheiras, também consideradas educadoras, e os alunos. A preparação da alimentação e organização do espaço para as refeições conta com a colaboração das crianças.



Figura 3 - Cozinha da unidade de Surco

d) **Pátios:** ambiente que concentra atividades recreativas, como no horário da entrada, do intervalo e da saída. Este lugar também é explorado pelos pais, que podem brincar com os seus filhos tanto no horário que os levam à escola quanto na hora em que vão buscá-los.



Figura 4 - Pátio da unidade San Miguel

e) **Áreas comuns:** ambientes utilizados em atividades especiais e para a recreação.



Figura 5 - Área comum da unidade de Surco

Todos os espaços são considerados laboratórios que permitem a multiplicidade e pluralidade de experiências sensoriais que instigam o conhecimento em diversas áreas tanto pelas crianças quanto pelos adultos. Todos da escola (professora, gestora, atelierista, cozinheira e demais funcionários) têm um papel importante no aprendizado dos pequenos, que aprendem na coletividade, no trabalho em equipe e na troca de vivência. Nesse sentido, verifica-se que são nos momentos presenciados em cada particularidade do ambiente educativo que os pequenos vão adquirindo autonomia, responsabilidade, comprometimento, inspiração e foco na aprendizagem. Também desenvolvem, ao longo desse processo, uma relação de pertencimento ao espaço, que deve ser cuidado por eles mesmos.

Pesquisa de intervenção: objetivo, metodologia e avaliação

O intercâmbio educacional contou com a visita às seis unidades da La Casa Amarilla, distribuídas em diferentes distritos e direcionadas ao Ensino Infantil; e ao Colégio Aleph, localizado em Chorrillos⁸, re-

8 O contraste entre o padrão da escola e do perfil de seu público (formado por alunos pertencentes a famílias com poder aquisitivo alto) com a área onde foi construída chama a atenção. Chorrillos é um dos quarenta e três distritos que formam a Província de Lima, pertencente à Região Lima, na

gião periférica do Peru, e destinado a estudantes de 6 a 10 anos, que estariam, segundo a nomenclatura do Brasil, no Ensino Fundamental I. Trata-se da primeira escola peruana a desenvolver a proposta pedagógica de Reggio Emilia com alunos maiores.⁹

No entanto, o foco desta pesquisa se concentrou na avaliação de uma das unidades da comunidade La Casa Amarilla, destinada à Educação Infantil, com base no método reggiano; e, também, à faixa etária que recebeu merecida atenção ao longo das aulas da disciplina “Educomunicação e Cultura Infantojuvenil: Do convívio com a mídia ao protagonismo crítico”, ministrada pelo professor Claudemir Viana. Para tanto, a unidade de Surco¹⁰ foi a escolhida.

No acompanhamento, ao longo de um dia, da rotina pedagógica da escola¹¹, realizou-se uma observação participativa da prática pedagó-

zona central do Peru. Essa região peruana conta com um lado desenvolvido, com um aglomerado de indústrias e comércios; e outro considerado periférico, por conta da falta de infraestrutura, como saneamento básico e asfalto nas ruas, muitas habitações estão instaladas em morros e são irregulares. O Colégio Aleph foi construído exatamente na região periférica, sendo evidente a diferença entre os moradores locais e o público frequentador (alunos e familiares) da unidade de ensino.

- 9 O objetivo é estender a turmas aos demais ciclos, como aos equivalentes aos ensinos Fundamental II e Médio, mas esse processo está sendo realizado aos poucos. Em 2017, por exemplo, foi aberta a primeira turma do 6 grado (como é chamado no Peru), que corresponde a educandos de 11 anos. A equipe gestora pretende promover a ampliação anualmente, a pedido dos pais dos alunos já matriculados, que não querem colocar os filhos em outras escolas.
- 10 Surco é um dos quarenta e três distritos que formam a Província de Lima, situada no Departamento de Lima, pertencente à Região Lima, na zona central do Peru.
- 11 A unidade de Surco possui 146 alunos, 25 professores, um atelierista, quatro profissionais de apoio (ajudam na cozinha, segurança e jardinagem), uma assistente administrativa, uma coordenadora pedagógica e uma diretora.

gica, considerando a atuação do professor, o envolvimento dos estudantes e a participação da equipe gestora no processo educativo. No período da manhã, foram acompanhadas as aulas de uma turma do Pre-Kinder (4 anos), e, à tarde, o trabalho dos professores após a jornada em sala e a rotina da escola.

Convém sublinhar que a abordagem reggiana tem como missão uma escola organizada por alunos, professores e família. Como conceito de aprendizagem, foca na realização de projetos, sempre acompanhados de investigação, observação, análise e avaliações. E isso não ocorre apenas por parte dos educadores, que devem registrar suas experiências em portfólios, mas também pelos alunos, que, ao final de cada aula, por meio de uma assembleia, contam o que aprenderam e o que foi significativo para o seu amadurecimento.

As aulas começam às 8 horas, mas, a partir das 7 horas, a escola já começa a receber os alunos. Este intervalo é reservado aos pais, que, quando chegam com os filhos, têm o direito de acompanhá-los até a sala de aula, ficar com eles nas áreas livres destinadas à recreação e ainda, se precisar, podem conversar com os professores para tirar alguma dúvida. Em seguida, os três professores dão início à prática pedagógica com as crianças, com bate-papo e música para a interação, e a tradicional chamada e a checagem das responsabilidades de cada um. Isso porque, quando elas chegam, já marcam num mural qual será a sua contribuição do dia, como, por exemplo, buscar o lanche, organizar a sala, regar as plantas, colocar a mesa, dentre outras, despertando, desde cedo, a responsabilidade e autonomia de cada um.

Esse comportamento cria na criança uma relação de pertencimento ao meio, protegendo-o. Segundo as educadoras, ela precisa entender que a escola é uma extensão de sua casa, e, como tal, deve respeitá-la

Esta escola atua desde 2011 com base no trabalho sistematizado, a disciplina da equipe, a criatividade, a reflexão e formação constante dos educadores.

e mantê-la em ordem e de acordo com as suas necessidades. Essa atitude pode ser considerada um ideal educ comunicativo por despertar nas crianças essa responsabilidade em zelar pelo espaço que contribui para a sua formação.

Tal autonomia permite também o empoderamento da criança para agir, tanto de forma individual quanto coletiva, em prol do bem-estar da sua escola e, em seguida, da sua comunidade, da sua sociedade, e, por sua vez, do mundo. Ações que mostram aos estudantes que as suas contribuições são importantes num espaço em constante transformação, conforme destaca José Antonio Gabelas Barroso:

Os jovens ativam sua capacidade de empoderamento, assumindo suas decisões, organizando seu trabalho, concretizando seus objetivos e desenvolvendo um processo que culmina na expressão do grupo. A partir da organização e gestão dos recursos úteis, o indivíduo, dentro de um microsistema (a turma da escola) opera no macrosistema (cultural e valores), produzindo suas próprias construções. (BARROSO, 2014, p. 237)

Construções essas que começam no espaço educativo, onde as atividades pedagógicas fazem jus ao desenvolvimento múltiplo da criança, respeitando suas habilidades e explorando suas competências. Elas são realizadas em três grupos e nas estações presentes na sala. Cada professora segue com uma equipe e começa a sua aula com base na linguagem a ser explorada. Tudo é muito prático, as explicações são à base de um descontraído bate-papo com a interferência constante das crianças, com perguntas, explicações e contribuições. Um processo dialógico e horizontal no qual o professor não é o foco das atenções. Pelo contrário, o aluno é considerado o centro da aprendizagem, e é ao meio dele que as atividades são realizadas. Com base no diálogo, juntos, eles constroem um contínuo aprendizado, segundo o educador Paulo Freire:

A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos, em que o professor expõe ou fala do objeto. O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassivada, enquanto fala ou enquanto ouve. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos. (FREIRE, 2013, p. 83)

Ao longo das aulas, os alunos escrevem, desenharam, pintam e brincam. Jogos de cartas, tabuleiro, games e brinquedos também são usados para explorar o conhecimento que está em foco no momento, o ensino é voltado ao lúdico. Belloni (2014) acredita que explorar a ludicidade da criança ajuda a prepará-la para o mundo afora, repleto de simbologias e normatizações:

Sabemos que a atividade lúdica é fundamental para a construção do conhecimento da realidade social e para a preparação da criança para a vida social. Também sabemos que as crianças constroem seus mundos sociais e culturais com base nos elementos simbólicos e normativos que a sociedade lhes fornece (BELLONI, 2014, p. 76).

Aprender brincando desperta o interesse da criança pelo assunto a ser abordado, e, ainda, permite explorar temáticas associadas à sua realidade. Um outro aspecto educacional importante, pois esse campo preza por um ensino que entenda o educando, e, para isso, preocupa-se com o ensino contextualizado e condizente às suas necessidades. Cada estação traz uma experiência, seja voltada à Matemática, à Ciência, ao idioma, à arte, à cidadania, à formação geral da criança. Mas, ao mesmo tempo, eles se inter-relacionam, tornando a vivência multidisciplinar. Um trabalho de arte, por exemplo, ganha um debate sobre um assunto ambiental e, por sua vez, merece a discussão sobre algo de cunho histórico e cultural, e, para finalizar, ganha uma

música para ressaltar os pontos relevantes estudados. Pode-se dizer que as experiências são múltiplas e exploram várias áreas, que, juntas, resultam em diferentes projetos, compartilhados com os pais tanto pelos portfólios organizados pelos educadores quanto nas mostras culturais realizadas periodicamente aos familiares. Uma ação baseada na pedagogia de projetos e na prática multidisciplinar, como estima a Educomunicação.

A autonomia, a responsabilidade, a participação e a sensação de ser considerado importante em toda a dinâmica realizada na escola são disseminadas entre as crianças. Elas que organizam os ambientes antes, durante e após o uso, e são responsáveis pelas tarefas do dia a dia, desde as rotineiras às operacionais, condizentes a uma ação específica.

Os ambientes, conforme mencionados, chamam a atenção pela arquitetura e a estética, que são pontos consideráveis na abordagem pedagógica reggiana. Tudo é muito colorido, lúdico, mágico e inspirador. A sala de aula remete a experiências até de cunho pessoal, pois, como a escola é uma extensão do lar, ela possui minicozinha, quarto, sala, que se transformam em brinquedotecas personalizadas, onde a criança vivencia, por meio do brincar, ações que lhe serão concebidas na fase adulta, como arrumar a cama, cozinhar, limpar objetos, dentre outras. Ambientes que permitem que a criança explore o real e o imaginário e vivencie situações que contribuam para o seu amadurecimento conforme as fases pelas quais ela passa conforme a faixa etária:

São fases transitórias de pensamento mágico e onipotente que levam a criança, por meio de repetições dos próprios atos ou jogos, a um pleno domínio de situações de medo, vivendo e convivendo simultaneamente com o real e o fantástico, ajudando a elaborar conflitos e angústias pelo uso dialético de perda e reparação. (PACHECO, 2002, p. 33).

A cozinha e o ateliê são os espaços que despertam a atenção. O primeiro por proporcionar aos alunos a experiência única de se responsabilizar pela sua alimentação. Sob a orientação da cozinheira, preparam os seus lanches e suas refeições, com direito a aulas completas do ponto de vista nutricional. Já o segundo explora o potencial criativo das crianças, que são livres para criar, com diferentes utensílios, desenhos, pinturas, gravuras, produções que representam o seu olhar sobre o que estão aprendendo. Esse potencial criativo e essa autoria no processo de aprendizagem são ações educacionais, que exploram as potencialidades dos educandos por meio da criatividade, da originalidade e da espontaneidade.

As aulas se estendem até às 14 horas, os que estudam em período integral, ficam até às 17 horas. No final das atividades, todos os alunos se unem para realizar uma assembleia, na qual cada grupo compartilha o que foi estudado em sua estação. É um momento de troca, quando não só descrevem as atividades como também expõem suas opiniões, sugestões e reflexões. O professor, como mediador, atende às perguntas das crianças, ressaltando o conhecimento a ser explorado. Esta é uma atividade que instiga a participação das crianças, dando-lhe voz para revelar os pontos positivos e negativos (segundo a sua visão) durante o aprendizado. Além da troca de conhecimentos entre uma equipe e outra, as crianças podem, por exemplo, sugerir atividades que ampliem o tema abordado. Um aluno, por exemplo, pediu ao professor uma visita ao zoológico, após estudar sobre dinossauros, acreditando que ainda é possível encontrá-los nas históricas regiões do Peru. Mais um aspecto educacional ao inspirar a criança a ser protagonista do seu conhecimento e a incentivá-la a ser participativa e colaboradora no processo de aprendizagem.

Essa assembleia também é realizada por parte dos professores de cada turma. Com o término das aulas, eles fazem uma reunião para fazer uma avaliação das aulas, registrar as atividades, arquivar o que

for necessário e reorganizar as próximas etapas a serem exploradas. A documentação também é algo marcante na abordagem educativa de Reggio Emilia.

As salas de aula, por exemplo, são repletas de painéis, fotografias, vídeos em transmissão revelando o processo de aprendizagem em diferentes situações. Tudo é registrado, as crianças são filmadas e fotografadas ao longo dos exercícios, e muitos depoimentos ao longo do processo são registrados nos portfólios e até mesmo no material a ser exposto às famílias para que a visualização oriente os pais a compreender tudo o que vem sendo realizado em prol da educação de seus filhos. Essa documentação evidencia o contato assíduo dos educadores com os aparatos tecnológicos, que são explorados para o registro de imagens e vídeos. O audiovisual é presente na unidade, e o interessante é que, muitas vezes, contam com o auxílio das crianças, que recebem uma câmera para eles mesmos fazerem o registro das aulas. Geralmente, um integrante de cada estação de estudos recebe essa tarefa.

O material de divulgação da escola, por exemplo, é montado com imagens, gravações, ilustrações e depoimentos sobre La Casa Amarilla produzidos pelas próprias crianças. Não foi observado o trabalho com os meios de comunicação, no entanto, o contato com o universo comunicacional e tecnológico é evidente, e esses aportes, ao serem utilizados com o objetivo de documentar o processo de aprendizagem, contribui para a obtenção de novas habilidades das crianças. Isso figura-se como um aspecto da Educomunicação, que procura explorar diferentes linguagens por meio de recursos tecnológicos levando em conta o processo de aprendizagem e não só o produto final.

O trabalho em equipe é um dos pontos positivos, pois é o que conduz as atividades a serem organizadas na escola. Não há distinção entre os profissionais: cozinheiras, jardineiros, seguranças, educadores e

gestores atuam de forma colaborativa para garantir não só o aprendizado, mas a harmonia, o bem-estar, a afetividade e a solidariedade no espaço educativo. Evidencia-se um novo aspecto educ comunicativo, que preza por uma educação solidária e, principalmente, por uma gestão democrática, para que seja viável a criação de ecossistemas comunicativos, abertos e democráticos, que consistem em implementar ações que ajudem a cuidar da saúde e das relações entre as pessoas que atuam no ambiente escolar:

A construção desse novo 'ecossistema' requer, portanto, uma racionalidade estruturante: exige clareza conceitual, planejamento, acompanhamento e avaliação. No caso, demanda, sobretudo, uma pedagogia específica para sua própria disseminação: uma pedagogia de projetos voltada para a dialogicidade educ comunicativa, em condições de prever formação teórica e prática para que as novas gerações tenham condições não apenas de ler criticamente o mundo dos meios de comunicação, mas, também, de promover as próprias formas de expressão a partir da tradição latino-americana, construindo espaços de cidadania pelo uso comunitário e participativo dos recursos da comunicação e da informação. (SOARES, 2011, p. 37)

Outra evidência dessa parceria é visível na participação dos pais, que são companheiros da experiência educativa. Cada família traz uma cultura própria que enriquece as relações e promove a troca de experiências e de aprendizados. A colaboração é essencial para a evolução do projeto pedagógico. Isso mostra o trabalho colaborativo entre todos os sujeitos considerados importantes para a dinâmica escolar: educadores, gestores, familiares e demais profissionais envolvidos, que, juntos, promovem um espírito de integração.

O aluno é o foco do trabalho pedagógico, mas o professor da comunidade La Casa Amarilla também recebe a devida atenção. O aprendizado por parte desses profissionais é constante. Eles sempre passam

por cursos de formações e participam de grupos de estudos para debater os princípios pedagógicos a serem explorados, aliando a teoria à sua prática.

Pode-se dizer que eles têm uma contínua vigilância epistemológica de seu trabalho, pois a atuação pedagógica passa por reflexões a fim de ser aprimorada para atender às necessidades dos estudantes. Os educadores participam, inclusive, da Red Solare¹², uma rede internacional de estudos inspirada na obra pedagógica de Loris Malaguzzi e nas experiências dos centros de infância e pré-escolas da municipalidade de Reggio Emilia.

O idealizador da abordagem pedagógica é um dos grandes incentivadores do aprendizado contínuo e da preocupação com a atualização profissional a fim de atender a uma educação condizente à sua contemporaneidade. Segundo Malaguzzi (2011), a união entre teoria e prática é fundamental para que o “agir pedagógico” sempre seja avaliado e melhorado conforme as necessidades do educador. Para o sociólogo, que preza pelos processos de investigação, o professor não deve ser tratado como objeto de estudo, mas como um intérprete dos fenômenos educativos, por isso a necessidade de estar sempre se atualizando e aplicando seus conhecimentos no universo onde está inserido.

12 Conforme consta no portal do grupo estudos, trata-se de “uma rede de articulação e difusão das ideias da prática educativa de Reggio Emilia, em defesa de uma cultura mundial da infância numa perspectiva integral, integrada e de intercâmbios reais entre estados brasileiros e países da América Latina. É uma associação de instituições e pessoas, sem fins lucrativos, que reconhece a responsabilidade social como um dever de todos”. Atualmente há representantes da Red Solare na Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, México, Peru, Paraguai, Chile, Uruguai, República Dominicana, Guatemala e Costa Rica. Veja mais em: <http://www.redsolare.com/>. Acesso em 15 jan. 2017.

Aproximações com a Educomunicação

O processo de imersão permitiu observar a aproximação com vários ideais semeados pela Educomunicação. A descrição da rotina escolar acompanhada ao longo de um dia e as observações da prática pedagógica e sua avaliação sob o viés educ comunicativo evidenciaram o objetivo deste artigo, o de relatar essa intervenção a fim de mostrar mais um indício desse importante campo de estudos que inter-relaciona a Comunicação e a Educação. De forma geral, a abordagem educacional de Reggio Emilia, com base no pensamento de Malaguzzi, privilegia os seguintes aspectos: a atenção primária à criança e não o assunto a ser ensinado; transversal conhecimento cultural e não dividido em forma setorial; o projeto e não a programação; o processo e não apenas o produto final; a observação e documentação de processos individuais e de grupo; a comparação, avaliação e discussão da atuação pedagógica como algumas das estratégias para aperfeiçoar a atuação em sala de aula, e a formação de professores.

As escolas que adotam esses princípios são consideradas inovadoras por “considerar fundamental a interação entre sistema de escolarização e o mundo da família de modo integrado e participativo; que resalta a centralidade da criança no processo educativo, mas também a integração com os professores e as famílias. Por natureza, é uma escola inovadora, na qual criança, professor e família se relacionam de modo integrado e coletivo”¹³.

Do ponto de vista da Educomunicação, foi observado, durante a intervenção, que existe a preocupação em desenvolver o processo criativo e crítico no espaço educativo, de estimular a responsabi-

13 Transcrição de um slide apresentado durante uma palestra durante o período de imersão.

lidade, a autonomia, e liberdade e ao mesmo tempo a disciplina, além da abertura para ações transformadoras no espaço educativo. A criança é vista como um ser pensante, que atribui sentidos às mensagens e por isso precisa ser interpretada. É visível uma educação dialógica, pautada no trabalho em equipe, desenvolvido entre alunos, educadores, família e profissionais da escola. Há a criação de ecossistemas comunicativos, que mostram a harmonia entre todos que fazem parte da unidade de ensino.

O aluno é protagonista de seu conhecimento ao ser aberto ao debate, ao diálogo e à expressividade. O professor assume uma posição horizontal ao realizar aulas baseadas no contínuo diálogo entre os educandos. É um espaço aberto ao protagonismo juvenil. As aulas são desenvolvidas de forma contextualizada por meio de projetos realizados coletivamente e que exploram a criatividade, a motivação, a afetividade, a cooperação, a participação, a livre expressão, a interatividade e a experimentação. São atividades interdisciplinidades que permitem explorar as inúmeras habilidades e competências das crianças.

Trata-se de uma comunidade escolar preocupada em criar uma sociedade mais humana, política e solidária. Um espaço que considera a criança como um sujeito histórico, produtor e consumidor de cultura e por isso merece atenção, interpretação e apoio no seu contínuo processo de aprendizagem. Desde cedo ela é estimulada a assumir responsabilidades, a ser autônoma e cuidadora do seu espaço e do seu mundo, promovendo uma relação de pertencimento ao meio. Em linhas gerais, é uma escola que promove a democracia, a dialogicidade, a expressão comunicativa, a gestão compartilhada e várias áreas de intervenção da Educomunicação, como a expressão comunicativa através das artes, a mediação tecnológica, a pedagogia da comunicação e a gestão da comunicação, além da reflexão epistemológica.

Considerações finais

As experiências realizadas com a missão de promover o estudo, a experimentação, a avaliação e reflexão sobre ações realizadas no âmbito educacional instigam o educador a alcançar a sua missão não só de identificar, como promover e disseminar a Educomunicação. Cabe a esse profissional que transita entre a Comunicação e a Educação a tarefa de docente, consultor e pesquisador, e o desafio de contribuir para a criação de ecossistemas comunicativos em espaços educativos formais, não formais e informais. Com base em sua preocupação tanto com a teoria (do ponto de vista epistemológico) quanto a prática (o agir educacional), é instigante a oportunidade de conhecer propostas pedagógicas desenvolvidas pelo mundo afora que transitam entre os princípios que lutam por uma educação transformadora.

A imersão realizada na rede La Casa Amarilla possibilitou mais uma experiência para fortalecer os estudos nessa área de atuação por parte da pesquisadora. Conhecer propostas educativas consideradas inovadoras, práticas que semeiam princípios educacionais, atividades que se preocupam com o ensino voltado à sua contemporaneidade e atenda às necessidades dos educandos e ações que resgatem o verdadeiro papel da Educação inspira a atuação educacional. E, mais do que isso, mostra que ainda é possível desenvolver um aprendizado que fortaleça o potencial transformador das crianças e dos jovens.

O desejo de formar uma sociedade mais justa, solidária, participativa e unificada é antigo. Disseminado há anos pelos idealizadores das inúmeras teorias de aprendizagem, ele se mantém presente nos tempos atuais por educadores que não abrem mão desses aportes teóricos e a eles acrescentam suas experiências, aprendizados e contribuições para dar continuidade à tarefa de fazer a diferença em sua área

de atuação. São vivências significativas, como a que foi acompanhada no Peru, que levam a acreditar num mundo melhor por meio da Educação. Uma aspiração também semeada pela Educomunicação, que assume o seu compromisso em promover a intervenção social ampliando as condições de expressão de todos os segmentos humanos, especialmente da infância e da juventude. (SOARES, 2011, p. 15). Um campo emergente que, por meio de suas áreas de intervenção, continua trilhando rumo à missão de mostrar à nova geração a sua condição de fazer parte de um mundo que ela mesma seja capaz de construir, a partir de sua capacidade de se comunicar, de se expressar e de transformar.

Por fim, pode-se concluir que a Educomunicação está presente na abordagem educacional de Reggio Emilia e na prática pedagógica da comunidade La Casa Amarilla. São duas vertentes pedagógicas que se aliam ao mostrar, por meio de sua prática e de seus estudos, que acreditam em uma educação transformadora.

Referências

BARROSO, José Antonio Gabelas. Cenários virtuais, cultura juvenil e Educomunicação. In: APARICI, Roberto (org.). *Educomunicação. Para Além do 2.0*. São Paulo: Paulinas, 2014.

BELLONI, Maria Luiza. *Crianças e mídias no Brasil: Cenários de mudança. Ensaios de sociologia da infância*. São Paulo: Papyrus Editora, 2014.

Centro de Referências em Educação Integral. *Reggio Emilia: escolas feitas por professores, alunos e familiares*. Disponível em: <http://educacaointegral.org.br/experiencias/reggio-emilia-escolas-feitas-por-professores-alunos-familiares/>. Acesso em: 15 jan. 2017.

CULTURA INFANTOJUVENIL NA PERSPECTIVA DA EDUCOMUNICAÇÃO

La Casa Amarilla: um olhar sobre a abordagem pedagógica da escola peruana...

CITELLI, Adilson. *Comunicação e educação. A linguagem em movimento*. São Paulo: Senac, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia. Saberes necessários à prática educativa*. 46ª ed. São Paulo: Paz & Terra, 2013.

La Casa Amarilla. Disponível em: <http://nidolacasaamarilla.com/sobre-nosotros>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MALAGUZZI, Loris. *La educación infantil en Reggio Emilia*. 3ª ed. Octaedro. Barcelona: Rosa Sensat, 2011.

PACHECO, Elza Dias (org.). *Televisão, criança, imaginário e Educação: Dilemas e diálogos*. São Paulo: Papyrus Editora, 2002.

Rede Reggio Children. Disponível em: <http://www.reggiochildren.it/network-2/>. Acesso em: 15 jan. 2017.

SOARES, Ismar de Oliveira. *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo: Paulinas, 2011.

TASSARA, Helena. As crianças, a televisão e a morte de um ídolo: Ayrton Senna. In: PACHECO, Elza Dias (org.). *Televisão, criança, imaginário e Educação: Dilemas e diálogos*. São Paulo: Papyrus Editora, 2002.

Sobre a autora

Sueller Costa - Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da Universidade de São Paulo (USP), na área Interfaces Sociais da Comunicação, na linha de pesquisa Comunicação e Educação. Universidade de São Paulo. E-mail: sueller.costa@gmail.com